

**Territórios**

**caboclos**

**na América Latina:**

materialidade e simbolismo

ORGANIZADORES:

ROSALVO NOBRE CARNEIRO

FÁBIO RODRIGO FERNANDES ARAÚJO



**Organizadores**

Rosalvo Nobre Carneiro

Fábio Rodrigo Fernandes Araújo

# Territórios caboclos na América Latina: materialidade e simbolismo



1ª Edição  
Foz do Iguaçu  
2023

© 2023, CLAEC

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida para fins comerciais, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros. Aplica-se subsidiariamente a licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

**Editoração:** Valéria Lago Luzardo

**Diagramação:** Valéria Lago Luzardo

**Capa:** Gloriana Solís Alpizar

**Revisão:** Os autores

**ISBN** 978-65-89284-37-6

DOI: 10.23899/9786589284376

Disponível em: <https://publicar.claec.org/index.php/editora/catalog/book/87>

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Territórios caboclos na América Latina [livro eletrônico]:  
materialidade e simbolismo / organização de Rosalvo Nobre  
Carneiro, Fábio Rodrigo Fernandes Araújo. -- 1. ed. Foz do Iguaçu,  
PR: CLAEC e-Books, 2023. PDF.

Vários autores.  
Vários colaboradores.  
Bibliografia.  
ISBN 978-65-89284-37-6

1. Cultura cabocla. 2. Mundo da vida. 3. Simbolismo. I. Carneiro,  
Rosalvo Nobre. II. Araújo, Fábio Rodrigo Fernandes.

CDD: 300

Os textos contidos neste e-book são de responsabilidade exclusiva de seus respectivos autores e autoras, incluindo a adequação técnica e linguística.

## Centro Latino-Americano de Estudos em Cultura – CLAEC

### Diretoria Executiva

Me. Bruno César Alves Marcelino  
Diretor-Presidente

Dra. Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araújo  
Diretora Vice-Presidente

Dra. Cristiane Dambrós  
Diretora Vice-Presidente

Me. Weldy Saint-Fleur Castillo  
Diretor Vice-Presidente

### Editora CLAEC

Me. Bruno César Alves Marcelino  
Editor-Chefe

Me. Fernando Vieira Cruz  
Editor-Assistente

Dr. Lucas da Silva Martinez  
Editor-Chefe Adjunto

Me. Ronaldo Silva  
Editor-Assistente

Dra. Danielle Ferreira Medeiro da Silva de  
Araújo  
Editora-Assistente

Bela. Valéria Lago Luzardo  
Editora-Assistente

### Conselho Editorial

Dra. Ahtziri Erendira Molina Roldán  
Universidad Veracruzana, México

Dra. Marie Laure Geoffray  
Université Sorbonne Nouvelle – Paris III, França

Dra. Denise Rosana da Silva Moraes  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Dra. Ludmila de Lima Brandão  
Universidade Federal do Mato Grosso, Brasil

Dr. Djalma Thürler  
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Dr. Marco Antonio Chávez Aguayo  
Universidad de Guadalajara, México

Dr. Daniel Levine  
University of Michigan, Estados Unidos

Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Brasil

Dr. Fabricio Pereira da Silva  
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dra. Sandra Catalina Valdetaro  
Universidad Nacional de Rosario, Argentina

Dr. Francisco Xavier Freire Rodrigues  
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Dra. Susana Dominzain  
Universidad de la República, Uruguai

Dra. Isabel Cristina Chaves Lopes  
Universidade Federal Fluminense, Brasil

Dra. Suzana Ferreira Paulino  
Faculdade Integrada de Pernambuco, Brasil

Dr. José Serafim Bertoloto  
Universidade de Cuiabá, Brasil

Dr. Wilson Enrique Araque Jaramillo  
Universidad Andina Simón Bolívar, Equador

# Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>5</b>
<i>Os organizadores</i>	
<b>A Malhação do Judas em países latino-americanos: uma síntese geográfica</b>	<b>6</b>
<i>Fábio Rodrigo Fernandes Araújo, Rosalvo Nobre Carneiro</i>	
<b>Identidade territorial e a cultura cabocla da malhação do Judas no Brasil e em Major Sales, RN</b>	<b>13</b>
<i>Jocivania Fernandes do Nascimento</i>	
<b>A educação popular dos caboclos: lutas e resistências dos mestres da tradição oral no Território do Sisal-BA através da cultura</b>	<b>26</b>
<i>Losângela da Cunha Araújo, Rosângela Costa Araújo</i>	

# Apresentação

Pretendemos com essa obra, abordar a variedade de interpretações referentes a cultura cabocla, seus agentes e tradições sagradas e profanas. Com esse objetivo, serão apresentados quatro textos, de natureza interdisciplinar, os quais versão sobre a relação entre os caboclos, a religiosidade e educação.

As propostas convergem para uma observação do ser caboclo e sua cultura como entes plurais, produzidos e reproduzidos por saberes e territorialidades de natureza orgânica, fluida e subjetiva/intersubjetiva. Desta forma, para sua difusão conceitual, consideramos o texto *A Malhação do Judas em países latino-americanos: uma síntese geográfica*, de Fábio Rodrigo Fernandes Araújo e Rosalvo Nobre Carneiro, que sob o prisma da Geografia Cultural, revisa textos acerca da malhação de Judas, associando suas origens, manutenção e afirmação pela cultura cabocla latino-americana. Em *Identidade territorial e a cultura cabocla da malhação do Judas no Brasil e em Major Sales, RN*, Jocivania Fernandes do Nascimento apresenta discussões acerca da manifestação cultural denominada dança dos caboclos, e suas contribuições para a formação da identidade cultural/territorial da população de Major Sales/RN.

Por fim, *A educação popular dos caboclos: lutas e resistências dos mestres da tradição oral no Território do Sisal-BA através da cultura*, de Losângela da Cunha Araújo e Rosângela Costa Araújo, elucidam as contribuições da cultura Griô e suas tradições orais, para a formação educativa, política e emancipatória da população rural do Território do Sisal-BA.

Os organizadores

Pau dos Ferros, 31 de março de 2023

# A Malhação do Judas em países latino-americanos: uma síntese geográfica

Fábio Rodrigo Fernandes Araújo\*

Rosalvo Nobre Carneiro\*\*

## Introdução

Caboclo tem sentidos múltiplos no Brasil, desde a referência étnico-racial enquanto negro ou indígena; econômica ligada a populações pobres e agrícolas; religiosa católica ou umbanda; a geografias variadas como o sertanejo nordestino, gaúcho ou amazônico. Estes sentidos se misturam em alguns lugares, por exemplo, na pequena cidade de Major Sales, no interior do Rio Grande do Norte, numa simbiose com a dança indígena, a criação do gado, agricultura sertaneja e a religiosidade católica.

Esta simbiose lhe confere uma geograficidade própria, isto é, uma relação determinada entre espaço e a festividade sacro-profana da malhação do Judas. Cabe esclarecer, com Dardel (2011, p. 2), “[...] amor ao solo natal ou busca por novos ambientes, uma relação concreta liga o homem à Terra, uma geograficidade (géographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino”. A existência humana, portanto, tem um conteúdo geográfico, em muitas manifestações culturais, sem o qual seu destino, progresso, movimento não se explica. Estes processos, no entanto, são diferenciados, ainda que se movam em contextos sistêmicos determinados temporalmente.

Na Geografia há uma lacuna no conhecimento sobre o tema malhação do Judas ou dança de Caboclo (CARNEIRO, 2019). As particularidades descrevem associações entre pessoas, movimentos culturais do corpo e representações religiosas de povos do campo. Pensando nisso, cabe analisar suas manifestações como fenômeno da ciência

---

\* Mestre em Ciências Sociais e Humanas pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pesquisador efetivo do GEPEEG/UERN e da Rede OPPALA e da Rede de Investigadores Ibero-Americanos em Educacion Geografica- IIEG.

E-mail: fherodoto@gmail.com

\*\* Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pesquisador do GEPEEG/UERN e da Rede OPPALA.

E-mail: rosalconobre@uern.br

geográfica, como objetos de conhecimento passíveis de transformações em espaços e tempos linguisticamente instituídos.

Em outras palavras, território da malhação de Judas, produzido e demarcado por mundos da vida plurais, com atores, objetivos e festividades, tanto de natureza sagrada como profana. Território esse construído por uma variedade de determinantes geográficos, dentre esses, existe a consideração da linguagem e sua função dialógica.

Desta forma, como a malhação de Judas, com formas e figuras simbólicas de origens diversas, pode constituir um novo território da cultura latina?

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica sobre a malhação de Judas, com base em textos publicados dentre o período 1950-2022. Os descritores de busca foram malhação de Judas ou queima del Judas. A pesquisa foi realizada em espanhol e português, nos repositórios Dialnet, portal de periódicos CAPES, google acadêmico e Redalyc.

Desta forma, objetiva-se analisar as manifestações festivas que são referentes a cultura da malhação de Judas em alguns países latino-americanos. Dentre isso, a intenção é discutir os determinantes geográficos para seu acontecimento ou difusão.

Portanto, manifestações geográficas da malhação de Judas: caracterização – descreve as festividades associadas a malhação de Judas, território da malhação de Judas: elementos de constituição – discute as possibilidades para a construção de um território da malhação de Judas, e em sequência, as considerações finais com consensos provisórios em relação as discussões do texto.

## **Manifestações geográficas da Malhação do Judas: caracterização**

A tradição da malhação do Judas revela-se temporalmente heterogênea. Ainda que a semana santa católica seja o período predominante de sua manifestação social, esta data pode ser, também, a Pascoa, o Natal. Para tanto, considera-se que as suas conformações geográficas são produzidas em espaços e tempos que determinam sua identidade geográfica, por e através de festas de natureza religiosa, em consonância com itinerários de caráter sacro-profano.

Em conjunto, a Semana Santa é retratada como um campo de disputas entre os acontecimentos religiosos que preservam a identidade originária dos indivíduos, e os papéis políticos que assumem os personagens que excutam as festividades. É exemplar para essa consideração os debates de Giop (2019), Andrade (2007), Cuneo (2006), Mora (2017) e Carneiro (2019).



Zecca (2008) asseverou como os moradores de Barreal del Heredia expressaram seu posicionamento contra as normas da igreja católica a respeito da malhação da Judas e suas formas de realização. Para tanto, prossegue o autor, os habitantes da localidade delimitaram territorialmente o espaço fora da igreja como espacialidade do sagrado.

Os autores caracterizam os momentos das festividades de acordo com a preparação de figuras simbólicas que a representam, danças que demonstrem a cultura local e teatralização das forças políticas da região que conforma essas tradições.

Ponderando sobre região cultural e seus significados, Almeida e Carneiro (2022) pontuam que a cultura cabocla de uma determinada cidade pode originar um conjunto único e diversificados de regiões culturais, sejam elas de nível regional, local ou nacional.

As festividades devem ser entendidas a partir da espacialização normativa de seus discursos, efeitos e mediações linguísticas, ou em outros termos, a geografia das pessoas e personalidades que concretizam a identidade dos participantes da comunicação acerca da festa e os significados que dela são existentes.

O acontecer ou acontecimento geográfico do caboclo como entidade social é decorrente tanto da lógica que eles depreendem do mundo da vida que compartilham, quando da autonomia em afirmar seus laços de origem corporal e ético-plural.

A natureza espacial das cidades que executam as festividades é de ordenação jurídica, como também moral e artística, os quais modificam a aparência e forma das tradições mediante traços de originalidade na versão moderna e temporal dos costumes e memórias de lugar.

O boneco de Judas é compreendido como personificação da vida cotidiana, seus ritos de passagem e identidades políticas de origem local e dúbia. Em outros termos, ele é uma espécie de integrante do imaginário popular, representante de temas como por exemplo a memória afetiva por espaços públicos de natureza sagrada ou profana, a traição de líderes políticos para com o povo da cidade e a transição de períodos de fertilidade do solo agrícola. O sacrifício de sua figura de pano alude ao fim como também o começo de novas narrativas do urbano, legitimação de valores morais e afirmação de identidades do indivíduo caboclo.

Dentre os estudos, cabe destacar que Gutiérrez (2014) aponta como executores da queima um grupo de cidadãos chamados de cabecilhas, escolhidos entre as pessoas de Chongos Bajo – Peru. A função deles é preparar o boneco de Judas; o desfile de suas variações; leitura e execução do testemunho de crimes morais aludidos a população.

Além do Judas, existe na descrição do coletivo Yekusimáala (2001), a presença da figura da viúva do Judas, que atua segundo os moradores de Valparaíso-Chile, na defesa do Judas e dos seus delitos metafóricos.

Outra figura distinta é a do burro em San Antero- Colômbia (MORA, 2017), manifestação de virilidade e força que centraliza tanto a condução social, cultural como também pagã do festival del burro. Isto é, a festa em sua homenagem tem um sentido de “[...] abertura a la vida y que coincide con el sentido de la primavera como renacimiento” (MORA, 2017, p. 90).

Carneiro (2019), Araújo e Carneiro (2022) e Almeida e Carneiro (2022) apresentam os atores que produzem espacialmente a identidade da referida tradição-brincantes, principalmente durante a semana santa. Esse papel eles assumem em dois momentos: danças de exaltação aos mundos da vida local e queima do próprio boneco de Judas.

As danças ao serem construídas pela lógica do corpo, lembram a resistência de seus participantes a uma homogeneidade cultural, tributaria do poder estatal e financeiro. Elas são identificadas por passos denominados de pisadas, cuja variação é dependente da regionalização de distintas matrizes africanas e indígenas.

O foco no dançar indica caminhos alternativos entre a colonização e a descolonização dos saberes da população do campo, pelos conhecimentos da modernidade urbana. Condição que é inerente as racionalidades dialógicas, expressivas ou estratégicas dos destinatários internos (brincantes) e externos (expectadores) da cultura cabocla.

Salienta-se que a cultura denominada de cabocla é referente aos praticantes da malhação na cidade de Major Sales/RN, os quais executam o sacrifício do Judas a partir de danças, com passos, agentes e vestimentas de particularidades diversas.

Consultando os referidos autores, observamos que os atos do sacrifício de Judas e pedir esmolas antes disso, representam a partilha de ações inerentes ao sagrado na sua versão ocidental (queima do Judas) e na sua versão latina (com brincantes vestidos de manifestações da cultura indígena e africana).

Assim o sacrifício faz alusão a renovação de identidades construídas historicamente, enquanto que outras ações da cultura latina descentralizam os simbolismos dos espaços públicos das cidades, por e através de formas artísticas e religiosas. Por sua vez, ele é proporcional a um modo de viver junto latino, que é prescindível de unidade e conflito, cosmovisão e racionalidade.

Em outra maneira, base para a constituição da territorialidade da malhação de Judas, de origem histórica hispânica e portuguesa, mas criada e mantida pela população campesina e/ou urbana da América Latina.

## **Território da malhação de Judas: elementos de constituição**

Figuras e formas simbólicas são objetos de conhecimento para a análise do território da malhação de Judas, quando passam a ser analisadas pela dimensão da linguagem cotidiana, nos quais teremos a problematização das funções práticas e dialógicas da razão.

Em outras palavras, a observação dos processos de motivação e publicização dos espaços públicos da cultura latino-americana. Assim, a linguagem assume a função de espacializar os modos de afirmação, negação ou expressão de projetos tradicionais ou modernos de identidade latina.

Para fins analíticos, essa identidade compreende a fundamentação constante dos saberes da vida e de como a pessoa adquire e emprega esse saber a partir de um enfoque comunicativo e cognitivo-instrumental. Isto é, como o praticante da tradição do Judas “manipula as coisas e acontecimentos, por um lado, e a capacidade de entendimento intersubjetivo sobre coisas e acontecimentos, por outro” (HABERMAS, 2012a, p. 42).

Para isso, o espaço como mundo da vida da malhação de Judas propicia o que Bollnow (2008) chama de sentimento espacial. Em interpretação desse termo, temos a relação pessoal ou objetiva do indivíduo com sua própria espacialidade. Mas mediante argumentos do autor, ela é considerada a partir de âmbitos como o corpo, a casa e o entorno.

Nesse movimento, a malhação de Judas se transforma em território da cultura latina, ao especificar símbolos, espaços e tempos pela ajuda de referências geográficas, sejam elas visíveis ou intangíveis. A tradição de sacrificar o Judas, nesse sentido, ganha sistematização pelo uso do localizar, caminhar e ordenar aspectos naturais, vitais ou intencionais do espaço da tradição.

Nesse sentido, o território se distingue a partir da proximidade ou distância entre o horizonte de manutenção da tradição e a perspectiva de espacialização turística das cidades.

Pensando desta forma, pretendemos delinear qual seria a forma e a aparência ao conceituar do território da malhação de Judas, no qual a linguagem em sua função comunicativa-dialógica trabalha como elemento estruturante.

A forma seria o conjunto de racionalidades práticas, de caráter visível, com valores públicos e afetivos da referida cultura, ao envolver dessa maneira, atividades contínuas e consensuais na manutenção de seus mundos da vida tradicionais e atuais.

Ela contempla enunciados de origem mandatária, onde os participantes da malhação executam em tempos específicos ordens do tipo dançar, queimar ou adornar o Judas.

Sua estrutura é possibilitada pela performance linguística de pessoas que se reconhecem como participantes das tradições da semana santa, ou de grupos que atuam na defesa das danças e rituais dos povos originários e imigrantes do campo e cidade. Ela é constituída pela validação criticável dos motivos e enunciados verbais e não-verbais.

Por outro lado, a aparência é analisada como o ordenamento territorial das identidades pessoais e coletivas dos participantes, tratadas a partir de uma coordenação normativa das ofertas de fala, seus significados e sentidos racionais, sejam eles de ordem teórica, hermenêutica ou prática.

Além disso, o acontecimento geográfico da cultura da malhação de Judas exige representações festivas que tenham publicidade verbal, em espaços denominados de feira-livres, praças e centros de tradição local. Esses atuam como condutores das esferas políticas, comunitária e escolar das regiões que preservam a personalidade cabocla, suas personificações metafóricas e linguagens de natureza particular.

## Considerações finais

O território da Malhação do Judas existe como espaço organizado por marcadores de origem campesina, com distinções pontuadas por práticas e rituais indígenas, africanos e portugueses. Sua sobrevivência e interesse sociocultural é firmado por agências do poder estatal e turístico.

As festividades caboclas são alusivas a essa tradição, porque são reproduzidas espacialmente pela maneira de representar a figura do Judas, as particularidades associadas as danças das populações de caboclos, como também os espaços e tempos construídos pelos brincantes dessas tradições.

As figuras da citada cultura, que a saber são boneco de Judas ou a viúva do Judas, atuam como agentes de formação dos espaços públicos- comunicativos, que tenham localização regional, mas com valores e símbolos universais.

As formas simbólicas são restritas ou irrestritas a determinados grupos de participantes ou não, a partir da passagem, tanto temporal como linguística dos passos das danças, vestimentas e processos de sociabilidade únicos.

Portanto, a cultura descrita é território na geografia latina, quando assume ordens dialéticas de espaços, dramaturgias das expressões artísticas e laços de originalidade com culturas sagradas e profanas, sejam elas próprias do ocidente europeia ou das regionalidades locais.

## Referências

- ALMEIDA, W. V. de; CARNEIRO, R. N. Discussões introdutórias à identificação de uma região cultural da dança de caboclos no alto oeste potiguar/RN. In: SOUZA, J. A. de et.al. (Orgs.). **Paisagens patrimoniais e artes na América Latina**. São Luís: EDUEMA, 2022. p. 144-155.
- ANDRADE, G. Las quemas de Judas en dos poblaciones zulianas: Potrerito y La Cañada. **Revista de Artes y Humanidades Única**, ano 8, n. 18, p. 232-258, 2007.
- ARAÚJO, F. R. F.; CARNEIRO, R. N. Mundos da vida em movimento: a malhação do Judas ou dança de caboclos na América latina. In: SOUZA, J. A. de et al. (Orgs.). **Paisagens patrimoniais e artes na América Latina**. São Luís: EDUEMA, 2022. p. 132-143.
- BOLLNOW, O. F. **O homem e o espaço**. Tradução de Aloísio Leoni Schmid. Curitiba: Editora UFPR, 2008.
- CARNEIRO, R. N. Produção simbólica do espaço e estado no mundo da vida dos caboclos em Major Sales/RN. **Boletim Paulista de Geografia - BPG**, v. 2, p. 82-98, 2019.
- CÚNEO, P. La quema de Judas: um estudo psicossocial. **Relaciones**, n. 271, p. 1-9, 2006.
- DARDEL, E. **O homem e a terra**: natureza da realidade geográfica. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- GIOP, M. Quemando al judas: la fiesta como evento geográfico. **Revista Huellas**, v. 23, n. 2, p. 107-127, 2019.
- GUTIÉRREZ, S. T. Sanción simbólica em la fiesta de semana santa: Quema de Judas. **KUNTUR – Revista de Investigacion Científica da UDAFF**, ano 2, n. 2, p. 41-46, 2014.
- HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo v.1**: racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012a.
- MORA, C. Á. A. Festival del burro em San Antero: la quema de Judas. **Revista Cuadernos del Caribe**, n. 24, p. 77-92, 2017.
- YEKUSIMÁALA. La quema del Judas. **Revista Chilena de Antropología Visual**, n. 01, p. 01-12, 2001.
- ZECCA, M. Z. La quema de Judas: una manifestacion de la religiosidade popular em Heredia. **Revista Reflexiones**, v. 87, n. 1, p. 53-61, 2008.

# Identidade territorial e a cultura cabocla da malhação do Judas no Brasil e em Major Sales, RN<sup>1</sup>

Jocivania Fernandes do Nascimento\*

## Introdução

No Brasil, caboclos denomina muitos povos e tradições. Por exemplo, no município de Major Sales, no interior do Rio Grande do Norte, caboclo é uma figura humana dançante responsável pela reprodução simbólica da tradicional malhação do Judas. Trata-se, assim, de uma denominação diferente, dança de caboclo, para uma mesma tradição local, a queima do Judas Iscariotes.

A dança de caboclos, neste contexto, no entanto, tem sua origem na dança de índios potiguaras. No início do século XX, ela se hibridiza com a malhação do Judas, constituindo a cidade de Major Sales como marcada por esta tradição. Esta, porém, está em movimento, se transformando e, no tempo atual, tem um conteúdo territorial marcado pela identificação social.

Em 2017, foram realizadas entrevistas com o Mestre Bebê. Na ocasião, apresentam-se algumas de suas falas. A revisão de literatura concentrou-se em estudos sobre a origem e difusão da malhação do Judas no Brasil e no Rio Grande do Norte.

Compreender e desvendar como a identidade é produzida/inventada e ativada em uma parcela referencial de espaço-tempo para dar sentido a um território, remete à incursão sobre conceito de identidade e como esta se liga ao território e as mudanças na relação do sujeito com a base territorial no presente período da globalização, compreender as relações existentes entre as representações presentes nas manifestações culturais da dança de caboclos e a identidade territorial no município de Major Sales/RN.

---

<sup>1</sup> Capítulo 1, modificado da Dissertação Dança de caboclos e a identidade territorial em Major Sales/RN, defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais e Humanas (PPGCISH) da UERN.

\* Licenciatura em Geografia e Mestra em Ciências Humanas e Sociais pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

E-mail: jocivania25@gmail.com

Olhar de perto o que parecia tão próximo: esta foi a motivação inicial da pesquisa desenvolvida no início de 2012, quando foi elaborado pelo Professor Doutor Rosalvo Nobre Carneiro o projeto de pesquisa intitulado: “Espaço, mundo da vida e sistema no Alto Oeste Potiguar/RN: uma análise da produção material e simbólica regional a partir das interações entre cultura, mercado e Estado”, pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (PIBIC/UERN/CNPq), posteriormente foi elaborado o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado como “Os Caboclos e a Identidade Territorial na ‘Terra da Cultura’, Major Sales/RN”, optamos por dar continuidade a este trabalho visto que os grupos da dança de caboclos atuam há 90 anos e o concurso de dança de caboclos há 26 anos no município de Major Sales/RN.

A pesquisa foi realizada com os grupos da Dança de Caboclos e a observação e participação ao 26º Concurso de Dança de Caboclos, buscou conciliar estas duas dimensões: teórica e empírica, visando compreender a atuação destas no processo de construção da identidade territorial no município de Major Sales/RN. A convivência com os atores sociais em diferentes situações ao longo dos anos de estudo possibilitou observar inúmeros aspectos da organização e funcionamento dos grupos como do concurso, seja por meio das entrevistas, conversas ou do acompanhamento de diversas situações como as reuniões, os ensaios, a procura para arrecadação de recursos financeiros junto a Prefeitura Municipal, os preparativos para o Concurso, etc. os momentos da pesquisa de campo ocorreram após a realização de leituras acerca daquilo que se pretendia observar, cujos referenciais teóricos nortearam as observações e os seus respectivos registros. Após cada período de trabalho, fez-se a devida organização dos dados, para a posterior elaboração da análise teórica e a consequente produção escrita, a qual compõe este trabalho.

Juntamente com o levantamento de dados realizado nas idas a campo, a pesquisa se desenvolveu através de consultas aos acervos documentais do Ponto de Cultura Tear Cultural, bem como através de levantamentos a partir de sites, blogs, bibliografias, materiais audiovisuais, etc. Ambas formas de pesquisa empírica: no campo e nos acervos, foram empregadas como maneira de estabelecer um diálogo permanente com o conhecimento teórico acerca das relações entre cultura e identidade territorial, cujos referenciais fundamentam a análise proposta neste trabalho.

Para isso, apresenta-se, inicialmente, discussões em torno das transformações culturais. Posteriormente, descreve-se sobre território e identidade, para em seguida, estabelecer os contornos da malhação do Judas no Brasil, desde o século XVII, até difundir-se para o município de Major Sales/RN, como a Dança de Caboclos.

## Transformações culturais

Vemos a cultura como uma força de mudança da história global, e não apenas como simples reflexo de outros desencadeamentos. Ela permeia todas as dimensões que compõem a realidade, atribuindo significados e alterando as formas de vida. E este processo acelerou-se com a globalização, cuja dinâmica provocou transformações no funcionamento da economia, da política, da sociedade e da própria cultura em si.

Ao analisarmos o conceito de cultura, Laraia (2009) nos aponta que, a virada do século XVIII para o XIX, a definição deste termo é sintetizada por Edward Tylor, o qual englobaria tudo aquilo que o ser humano adquiriria ao longo da sua vida em sociedade. Isso nos revela que a cultura era algo aprendido e não adquirido no decorrer do tempo.

Os estudos acerca da dimensão cultural nos fazem compreender as relações existentes neste campo da sociedade com as demais esferas da vida humana, uma vez que o termo cultura é empregado para indicar o modo de vida global de determinado povo ou de algum grupo social (WILLIAMS, 2000), o desenvolvimento cultural de diferentes sociedades indica as formas que os grupos de atores sociais se organizam.

É sobre o contexto da globalização que a concepção de cultura como espaço de poder e mediação entre as diversas dimensões da realidade econômica, política e social, assume uma importância cada vez maior, uma vez que as manifestações culturais representam o que as pessoas sentem, pensam e vivem em um determinado tempo. Segundo Silva (2000, p. 21):

A globalização [...] produz diferentes resultados em termos de identidade. A homogeneidade cultural promovida pelo mercado global pode levar ao distanciamento da identidade relativamente à comunidade e à cultura local. De forma alternativa, pode levar a uma resistência que pode fortalecer e reafirmar algumas identidades nacionais e locais ou levar ao surgimento de novas posições de identidade.

O homem tende a projetar as imagens sobre o mundo. A sociedade atual vive, cada vez mais, em função dessa imagem projetada, onde o indivíduo conhece lugares, vivencia situações, valoriza atitudes e age em função destas (MORIN, 1990). Estas transformações fazem com que as pessoas vivam e pensem o seu cotidiano local de forma diferente, cujas influências externas provocam mudanças de hábitos, costumes e tradições de maneira mais acelerada diferentemente das sociedades tradicionais (GIDDENS, 2002). Por sua vez estas mudanças se dão sobre duas formas: global e local. Onde em cada uma delas este processo se dará de forma específica, tendo em



consideração as condições que os atores sociais interagem. No contexto da globalização, haverá aproximação e distanciamento entre a cultura destas duas esferas, cujos resultados interferem diretamente na maneira como as pessoas se organizam, convivem e praticam suas ações no território em que se encontram.

A partir das mudanças provocadas pelas novas formas de produção e acumulação do capital, o mundo passou a vivenciar processos de transposição das fronteiras nacionais, levando aproximação entre as diferentes culturas que compõem o cenário multicultural, mas cuja variedade de costumes, crenças, hábitos e práticas culturais possuíam um território relativamente fixo e determinado. Com a aceleração do modelo de acumulação flexível, estas delimitações espaciais foram se diluindo, dentro de um processo de desterritorialização e aproximação entre diversas culturas locais e regionais. Esta modernidade provoca uma reorganização do espaço e do tempo em que a vida social moderna se encontra com as práticas tradicionais já estabelecidas.

Hoje não podemos nos eximir das influências dessa cultura global transmitida pela modernidade, onde o global e o local estão incessantemente influenciando-se mutuamente. Com a modernidade, emerge uma comunidade mundial, a qual assume também características culturais globais. Nesta nova formatação, o tempo e o espaço não têm mais vinculação direta com os lugares, dando origem a culturas-mundo que convivem com as culturas localizadas, reforçando as lutas por identidade.

## **Território e Identidade**

Para Haesbaert (2016), na contemporaneidade emerge a relevância dada a abordagem geográfica da identidade. Segundo o autor, a identidade constitui-se de formas múltiplas que envolvem relações temporais ligadas ao passado e ao presente, como também relaciona-se aos sentidos da memória e da imaginação ela estabelece-se numa dimensão geográfica, ou melhor, numa dimensão territorial. Conforme ainda o autor, a formação da identidade constitui-se por processos múltiplos, híbridos e flexíveis, para ele tanto os territórios quanto as identidades, sejam elas as mais fechadas ou ressignificadas, especializam-se por processos que dão formas também múltiplas e flexíveis à composição cultural presente nos lugares.

Conforme os conceitos de identidade e de território inseridos no referente estudo, autorizam-nos notar que os elementos constituintes da dança de caboclos formam uma identidade territorial. E o território, na análise proposta, passa a ser entendido como produto de relações sociais organizadas tanto em nível político quanto espacial.

Para Almeida (2009) o território é relacional, no sentido de incluir pessoas sociais e espaço material, mas também é movimento e fluidez, ainda conforme a autora o território é, para aqueles que têm uma identidade territorial com ele, o resultado de uma apropriação simbólico-expressiva do espaço, este sendo portador de significados e relações simbólicas. Desta forma, o território pode ser considerado um espaço de ritos, expressando valores garantindo a permanência e a produção dos grupos humanos. Tal concepção de território relacional é aplicado ao estudo da dança de caboclos, como uma prática cultural e demarca, no espaço, a identidade daqueles (as) que praticam.

Percebemos que o território é relacionado com as questões voltadas para as apropriações do espaço de forma simbólica, por meio dos seus significados. Enquanto Almeida (2009) ressalta as relações simbólico-expressiva que resultam na formação de identidades territoriais Haesbaert (2016) contribui ao inserir a dimensão afetiva. Podemos ver a importância que os autores dão ao analisar não apenas as dimensões políticas e econômicas, mas também a dimensão cultural e natural, ou seja, as relações existentes entre o homem e a natureza, no processo de territorialização.

Conforme Souza (1995), a territorialidade é o que se faz de qualquer território um território, para o autor a territorialidade relaciona-se entre os territórios e essa ligação existente é o que ele conceitua como territorialidade. Sobre este mesmo pensamento, Saquet (2009) nos fala que a territorialidade é um fenômeno social envolvendo indivíduos de um mesmo grupo como por grupos distintos, a territorialidade é uma continuidade e descontinuidade no tempo e no espaço estando intimamente ligados em cada lugar, que por sua vez são-lhe identidade e estas são influenciadas por suas condições históricas e geográficas do lugar.

Podemos afirmar, que a dança de caboclos representa territorialidades contínuas e descontínuas. A continuidade é visível na transmissão familiar ou na formação de grupos da mesma localidade, este é marcado pelo repasse das gerações e também pela tradição constituinte pela dança. Na sua relação de descontinuidade, é certo inferirmos os processos de mobilidades espaciais e a morte dos dançarinos. Semelhante correlação leva-nos a pensar a territorialidade numa perspectiva mutável em termos de formação, constituição, demarcação, fluidez e de usos e práticas, uma vez que a territorialidade é relacional, histórica, mutável e fluida.

A territorialidade, conforme Bonnemaïson (2002), engloba simultaneamente o que é fixo e o que é mobilidade, ou seja, os itinerários e os lugares. Segundo o autor, entendemos que a territorialidade é dada por relações sociais e culturais estabelecidas

por grupos, em uma trama espacial que envolve diversos lugares, constituindo por assim aquilo que se estabelece por território.

A territorialidade é fruto das relações econômicas, políticas e culturais, por isso, figura de diferentes formas, imprimindo heterogeneidade espacial, paisagística e cultural. Assim, a territorialidade é uma expressão geográfica do exercício do poder em uma determinada área, a qual é o território. E a dinâmica socioespacial estabelecida pelo indivíduo e/ou grupos sócias atribui ao território uma identidade. Cabe observar, por conseguinte, o processo de difusão da malhação de Judas no Brasil e sua localização empírica no território potiguar.

A compreensão sobre identidade se alicerça, na ideia de que ela se situa frente ou num espaço simbólico, social/historicamente produzido (HAESBAERT, 1999) e como construção histórica, relacional, é formada por elementos tanto materiais quanto simbólicos. Entender o processo de construção de identidade deve considerar seu caráter histórico/contextual e relacional. Desta forma, pode-se afirmar que não há identidade fixa ou estática, ela é sempre uma construção histórica dos significados sociais e culturais que norteiam o processo de distinção e identificação de um indivíduo ou de um grupo, é necessário compreender que como, a partir de quê, por quem e para que isso acontece (CASTELLS, 2002).

Esta perspectiva da historicidade e da processualidade, desvela uma série de questões em torno da construção da identidade, seja ela individual ou coletiva. Neste pensar, o conceito de identidade tem a ver com tradição e mudança, raízes e projetos (CRUZ, 2007). Mesmo que a construção da identidade tenha elementos relacionados à tradição, os significados e os sentidos dessa construção (como, a partir de quê, por quem e para que), é o que norteará as ações de cada grupo. Cada grupo social ou sociedade organiza seu significado em função de tendências sociais e projetos enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espaço.

Desta forma, a identidade é fonte de significados para os próprios atores, por eles originadas e construídas por meio de um processo de identificação, poderão se constituir como fonte de mudanças, traduzindo anseios, lutas, novas rotas, outros rumos. A identidade é responsável pela organização dos significados, direcionando os papéis sociais desempenhados pelos atores sociais.

Estabelecer condições para a continuidade de uma trajetória, a identidade reafirma o sentido de pertencer a algo, onde o sujeito está inserido. Santos (1979, p.18) nos fala que:

[...] A casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos, são igualmente elementos passivos que condicionam a atividade dos homens e comandam a prática social. A práxis, ingrediente fundamental da transformação da natureza humana, é um dado socioeconômico, mas é também tributária dos imperativos espaciais.

A identidade territorial é construída discursivamente de um recorte espacial, construção esta demarcada a partir de um recorte territorial onde se estabelecem suas relações e diferenciações. Desta forma o território não se trata apenas de um elemento constituinte do cenário das atividades sociais, mas também enquanto fator de diferenciações que caracteriza os diversos territórios, definindo-os como únicos, e por assim os constituem. Conforme Haesbaert (2016) este é resultado do movimento combinado de territorialização – desterritorialização do espaço, resultado dos meios e ritmos, sistemas de objetos e ações, construído no e com o espaço, ou seja, o território nada mais é que o resultado do processo temporal dinâmico, variando de acordo com o contexto histórico-geográfico, onde o território é carregado de significados e expressividade para quem o constrói ou daqueles que o usufrui.

Desta forma tanto podemos pensar as relações sociais como também podemos mencionar a tensão existente entre os indivíduos e grupos sociais, pois a identidade não é algo pronto e acabado, esta se faz historicamente, podendo mudar seu discurso através do tempo e no espaço conforme a situação, a intencionalidade e o interesse desta.

Por esta razão pensar as relações que compõem o espaço geográfico, implica também mencionar as relações de pertencimento. O sentimento de pertencer a um lugar, reconhecer símbolos e costumes comuns faz parte de uma história que fortalece a centralidade necessária para a formação da identidade territorial, fornecendo ao sujeito referências indicações de como agir e ser, conforme os preceitos originalmente estabelecidos. Pois de acordo com Carlos (2007) o mundo hoje se apresenta cada vez mais globalizado, ameaçando as relações existentes no lugar, em que a comunicação diminui as distâncias, imbricando cada vez mais o global e o local, colocando este em debate sobre as questões de identidade, já que é onde se manifesta a vida, os conflitos, o viver, o habitar e onde se estabelecem as relações sociais, o uso e consumo, como também sua apropriação.

## **A malhação do Judas no Brasil e a Dança de Caboclos em Major Sales, RN**

O termo Caboclo é utilizado na maioria das vezes, para mencionar o povo do campo, aos pequenos produtores ou até mesmo para mencionar os sertanejos, como

uma forma de classificação social, relacionado com questões econômicas e culturais, já que para muitos, caboclos são pessoas que trabalham no campo e que não são escolarizadas. Podemos encontrar uma melhor definição para o termo Caboclo no “Dicionário do Folclore Brasileiro”, de Câmara Cascudo (1972, p. 210-211):

“[...] Da antiga denominação de caboclos aos mestiços avermelhados ainda há imagem da cor no maribondo caboclo [...] Era, até fins do séc. XVIII, o sinônimo oficial de indígena. Hoje indica o mestiço e mesmo o popular, um caboclo da terra”.

Vemos que o conceito de caboclos se refere não somente aos moradores do campo, mas também aos indígenas, mestiços e todos que remetem a cor avermelhada. Partindo do viés religioso, a “malhação de Judas” tem sua origem na Península Ibérica, chegando no Brasil durante o período colonial, esta dança até o final do século XVIII era realizada vésperas do dia de São Pedro no mês junino (AZZI, 1978), mas segundo Cascudo (1979) esta foi transferida para o período da semana Santa. Onde é comum confeccionar um boneco de Judas – segundo a bíblia este traiu Jesus, o boneco é feito de palha ou panos, posteriormente é pendurado num galho de árvore ou em um poste até o Sábado de Aleluia, momento este em que se lê o célebre “Testamento do Judas”.

Este é o momento mais esperado pelo público que comparece para ver a malhação do Judas por homens que dançam em um único ritmo e pisada formando um círculo. No centro é colocado o boneco de Judas onde é malhado em meio a gritos e uma grande agitação. Segundo Gonçalves (2008) a dança de caboclos ou “malhação de Judas” existe desde os primeiros séculos de colonização e se estende até os dias atuais, esta ainda é restrita as cidades pequenas do interior brasileiro, normalmente sua prática ocorre geralmente em praça pública no sábado de aleluia, havendo assim um misto entre sagrado e profano, uma vez que ocorre durante a Semana Santa.

Cascudo (1979) nos diz que a “malhação de Judas” é uma festa tipicamente profana, este considerado como sendo a personificação do mal, esta também era realizado nos festejos agrícolas e na colheita, onde era queimado o boneco que representava a divindade da agricultura, onde o fogo representaria a renovação da vida vegetal e a garantia a vinda e futuras colheitas de boa qualidade e abundância.

Oliveira (1974) nos relata que ela é conhecida em Portugal por “queima do Judas”, este ocorre no Sábado de Aleluia para o Domingo de Páscoa, onde o boneco é caracterizado com traços grosseiros e caricaturais, amarrado em troncos ou postes de mais de cinco metros de altura, aguardando o momento em que este será queimado,

momentos antes é feita a leitura do seu testamento, onde as pessoas mostram a sua animação em se vingar do Judas. Conforme ainda o autor, a possibilidade da queima do Judas seria uma espécie de imolação simbólica vinda dos antigos sacrifícios humanos, sendo a morte um ritual onde o personagem renova as forças da natureza de acordo com a função do sacrifício, ideia esta defendida também por Girard (1998) onde o sacrifício controla e canaliza para a boa direção os deslocamentos e substituições que ocorrem neste momento.

Em seus estudos Mota (1982) faz uma análise sobre a “malhação de Judas” nas regiões Norte, Nordeste e Centro - Oeste do Brasil. Segundo ele ocorre no Sábado de Aleluia e esta pode sofrer algumas diferenças em seu nome de acordo com a região em que é praticada, normalmente é referida como “enforcamento”, “malhação” ou “dança de caboclos”, os materiais para a confecção do boneco também possuem algumas diferenças, mas de modo geral são aproveitados acessórios velos, roupas, palha, dentre outros objetos, estes por sua vez são arranjados pelos componentes dos grupos da dança.

O boneco nada mais é que a representação de uma figura pública, morador da cidade ou um político, ou seja, é a representação de alguém pouco aceito, como também mal visto pela sociedade, este fato explica a elaboração e a leitura do testamento do Judas que antecede sua malhação (MOTA, 1982).

Cascudo (2001) nos revela que no estado do Rio Grande do Norte, os registros encontrados acerca da dança de caboclos são poucos, tendo em vista a grande repercussão existente na imprensa a cerca desta. O autor ainda nos fala do domínio coreográfico/espetacular visto na dança de caboclos, este faz referência ao grupo “Caboclinhos: malhação de Judas”, originário do município de Major Sales (oeste do RN) que apresenta anualmente a dança na qual o boneco do Judas é a figura central do espetáculo, onde homens adultos dançam e cantam entoadas, vestidos com máscaras e trapos, o Judas, após ter permanecido na roda enquanto os dançarinos fazem sua apresentação, é malhado.

Por assim, a Dança de Caboclos, no Rio Grande do Norte, é um acontecimento coletivo voltado para a reunião de parentes e pessoas conhecidas ligadas pela dança, a coletividade é expressa ao observamos os períodos de ensaios, as escolhas de repertórios e os encontros de confraternização, dentre outros. Ela é uma expressão cultural formada no tempo e no espaço simbólico por intermédio de relações mediadas por símbolos (as roupas para a apresentação, os passos coreografados, as músicas criadas por seus integrantes). Para os praticantes mais velhos, ela é parte da bagagem da vivência; torna-se um laço identitário. Dançar não é apenas se colocar em

movimento, pois significa para os participantes o momento de vivenciar os laços, o sentimento de pertença.

Os símbolos presentes na dança de caboclos são inseridos em sua tradição: vestimentas, pisada, músicas e os sons emitidos pelos dançarinos. Os simbolismos que representam essa manifestação estabelecem-se por meio da influência de outras manifestações culturais, como adereços usados nas festas de carnavais e xaxado. As apresentações da dança de caboclos são realizadas durante todo o ano, com datas moveis, e em diversos locais, sendo que, a festa começa oficialmente durante a Semana Santa. No Sábado de Aleluia, os mestres de caboclos, os dançarinos e o poder público demarcam a área festiva e os símbolos supracitados demarcam a dança.

Os símbolos, tais como, os cantores os tocadores que acompanham os ensaios e as apresentações, que se fazem presentes nos rituais das apresentações demarcam a dança. Estes símbolos sempre estiveram atuantes na história dos grupos, na sociedade e no município que formam o espaço onde se originou os grupos, permitindo a notificação de que a dança de caboclos vem ganhando importância e projeção nos últimos anos, garantindo a estruturação dos elementos da identidade: os encontros, as apresentações, os ritmos, as músicas e vestimentas.

Desta forma, a dança de caboclos pode ser considerada como produtora de uma dimensionalidade espacial que abrange as relações subjetivas representadas por paixões e poderes, visto que os dançarinos da dança de caboclos, sobretudo aqueles que a praticam no entendimento tradicional demarcam no território valores e sentimentos que simbolizam as relações de pertença ao espaço. O território efetiva-se, então, como *locus* das ações dos grupos político-simbólico.

A Dança de Caboclos promove, por intermédio de sua prática tradicional, a transmissão familiar e a espacialização agregada a uma multiplicidade de ritmos e formas culturais. Os caboclos promovem, pela dança a formação de uma teia de lugares. Por um lado, essa teia é dada pelos locais das apresentações e dos encontros; por um lado, a dança demarca os espaços familiares, afetivos e tracionais, tais como de um lado, as apresentações realizadas nos eventos e por outro as apresentações nos festejos religiosos.

Identidade e territorialidade são conceitos que, ligados aos símbolos, às imagens e aos aspectos culturais, conectam-se com o sentido de pertencimento aos lugares. As heranças do passado e suas ressignificações no presente criam identidades incorporadas não somente pelos processos cotidianos, mas aos territórios, gerando laços de pertencimento como também dos valores pessoais e grupais. A ligação existe

dada as relações de parentesco, amizade e irmandade entre os dançarinos da dança de caboclos. Conforme os próprios dançarinos são esses laços que sustentam suas ligações com o lugar e os grupos.

O senhor Francisco de Assis Silva (Mestre Bebê), mestre do Grupo Os Molequele de Bebê, relata que na família Silva é quase todo mundo dançarino e cantador.

A gente pegou a herança... Eu peguei a herança do meu avô e do meu pai, que cantavam e dançavam os caboclos. Aí veio os tios, primos e aí foi seguindo pela família, hoje meus filhos e netos também tudo faz parte da dança de caboclos (informação verbal, 2017).

Podemos vincular as identidades como representações marcadas pelo indivíduo ou pelo coletivo, por meio do confronto, do contrato, da dominação, da liberdade. Elas demarcam-se no espaço, territorializam-se de forma a definir as pessoas pertencentes àquele território. O senhor Francisco de Assis Silva (Mestre Bebê) nos conta que o Grupo Os Molequele de Bebê

[...] foi formado em 1990 e a gente sempre leva esses caboclos no Brasil. Em vários lugares no Brasil, a gente tivemos. Inclusive, a gente leva prá São Paulo, participar do evento da cultura maior que tem lá. Major Sales hoje é conhecido no Brasil em nível nacional como a terra da cultura e a gente se liga a essa cidade, ao local que a gente dança.

Os grupos de dança de caboclos associam-se e demarcam os seus territórios por via dos seus símbolos e significados ao do tempo, tais como os ritmos e as performances corporais. Brandão (1986) nos fala que o poder é das pessoas de construir o seu próprio mundo, os seus próprios símbolos e significados, essas construções conduzem-nos, conforme o autor, ao entendimento de que a identidade não é apenas o produto inevitável da oposição por contraste, mas o próprio reconhecimento social da diferença.

Os dançarinos da dança de caboclos, mediante seu simbolismo e significados compõem-se nesse território apropriado por suas festas sagradas, por suas concentrações de manifestações culturais e territorialidades que garantem sua identidade, sendo que a identidade cultural é uma identidade social e territorial. Desta forma, as práticas da dança de caboclo autorizam a constituição de um território cultural majorsalense, que é constituído na relação entre identidade, território e festa.



A dança de caboclos envolve um conjunto de ações que vai desde o ensaio dos passos, das trocas de conhecimento até os encontros com amigos e integrantes dos grupos. Esses momentos geralmente se fazem numa atmosfera de festa, cheio de alegria e prazer. Para Brandão (1989) as festividades esboçam a constituição do sentido da vida e da ordem do mundo, vivenciada mediante festejos e símbolos, o que se liga a dança de caboclos ao revelar a possibilidade de ser ela demarcadora de um território em seus símbolos, compondo o que se designa como território identitário, desta forma a dança de caboclos representa tradições, identidade e território.

## Considerações finais

Podemos afirmar, que a dança de caboclos representa territorialidades contínuas e descontínuas. A continuidade é visível na transmissão familiar ou na formação de grupos da mesma localidade, este é marcado pelo repasse das gerações e também pela tradição constituinte pela dança. Na sua relação de descontinuidade, é certo inferirmos os processos de mobilidades espaciais e a morte dos dançarinos. Semelhante correlação leva-nos a pensar a territorialidade numa perspectiva mutável em termos de formação, constituição, demarcação, fluidez e de usos e práticas, uma vez que a territorialidade é relacional, histórica, mutável e fluida.

## Referências

- ALMEIDA, M. G. de. O sonho da conquista do Velho Mundo: a experiência de imigrantes brasileiros do vive entre territórios. In: ALMEIDA, M. G. de; CRUZ, B. N (Orgs.). **Território e cultura: inclusão e exclusão nas dinâmicas socioespaciais**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás/FUNAPE; Manizales: Universidade de Caldas, 2009.
- AZZI, R. **O catolicismo popular no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Geografia Cultural: um século** (3). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002.
- BRANDÃO, C. R. **Educação Popular**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Global, 1972.
- CASCUDO, L. da C. **Dicionário do folclore brasileiro**. 5. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1979. p. 417- 419.
- CASCUDO, L. da C. **Mouros, franceses e judeus: Três presenças no Brasil**. São Paulo: Global, 2001. p. 91-102.
- CASTELLS, M. **O Poder da Identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

- CRUZ, V. do C. Territorialidades, identidades e lutas sociais na Amazônia. In: ARAÚJO, F. G. B. de; HAESBAERT, R. **Identidades e territórios**: questões e olhares contemporâneos. Rio de Janeiro: Access, 2007. p. 93-122.
- GIDDENS, A. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- GIRARD, R. A violência e o sagrado. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.
- GONÇALVES, C. U. Malhar Judas ou malhar Jesus? **EcoDebate**, 2008. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2008/03/25/malhar-judas-ou-malhar-jesus-artigo-de-claudio-ubiratan-goncalves/>. Acesso em: 07 fev. 2023.
- HAESBAERT, R. Identidades territoriais. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999, p. 169-189.
- HAESBAERT, R. **O Mito da Desterritorialização**: do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.
- LARAIA, R. de B. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- MORIN, E. **Cultura de massa no século XX**: neurose. Tradução: Maura Ribeiro Sardinha. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.
- MOTA, Á. V.-B. da. **Queimação do Judas**: catarismo, inquisição e judeus no folclore brasileiro. Rio de Janeiro: MECSEAC – Funarte – Instituto do folclore, 1982.
- OLIVEIRA, E. da V. **Festividades cíclicas em Portugal**. Coleção Portugal de perto. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1974.
- SANTOS, M. **Sociedade e espaço**: ensaios. Petrópolis: Vozes, 1979.
- SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial. In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. **Território e Territorialidades**: Teorias, Processos e Conflitos. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2009.
- SILVA, T. T. **Identidade e Diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SOUZA, M. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. et al. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.
- WILLIAMS, R. **Cultura**. São Bernardo do Campo: Paz e Terra, 2000.

# A educação popular dos caboclos: lutas e resistências dos mestres da tradição oral no Território do Sisal-BA através da cultura

Losângela da Cunha Araújo\*

Rosângela Costa Araújo\*\*

## Introdução

O Território de Identidade do Sisal está situado no semiárido do Estado da Bahia, atualmente é composto por 20 municípios. No período de 2002 a 2016 foi modelo para outras regiões diante da sua organização social e do sucesso na implantação de políticas públicas rurais por parte do Governo Federal. A região recebe inúmeros intercâmbios de outros países, principalmente da América Latina para conhecerem suas experiências, sobretudo, os avanços na organização comunitária, cultural e da agricultura familiar de subsistência.

A região sisaleira é marcada por um processo de desenvolvimento sustentável para os /as pequenos/as agricultores familiares e assentados/as de reforma agrária. Entretanto, a partir de 2017, com a transição do governo federal de Dilma Russeff para Michel Temer, muitas políticas públicas que eram direcionadas para as comunidades rurais no Semiárido foram suspensas.

Esse processo vem colocado à população do campo na zona de pobreza, exterminado organizações sociais e civis que faziam a gestão dos projetos sociais, esse cenário de exclusão e embargo das políticas públicas para o desenvolvimento social do semiárido ainda se fez presente no governo do presidente Jair Bolsonaro que durou até 2022 no Brasil.

---

\* Mestra em Ciências Sociais: Cultura, Desigualdades e Desenvolvimento - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB. Doutoranda na Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas - UFBA-BA. Integrante do Grupo de Estudos sobre Gênero, Identidade/Cultura Negra Geo-Política e Afetividade - GINGA - NEIM/UFBA.

E-mail: lcaraujo@uefs.br

\*\* Docente da Faculdade de Filosofias e Ciências Humanas - UFBA-BA. Coordenadora do Grupo de Estudos sobre Gênero, Identidade/Cultura Negra Geo-Política e Afetividade - GINGA - NEIM/UFBA.

E-mail: janja.araujo@uol.br

Ao abordar o Território do Sisal ressaltamos que seu nome se deu em decorrência da região ser fértil para a plantação e cultivo do sisal que é a principal fonte de renda para a população. A fibra é a principal matéria prima do sisal, após o seu processamento é destinada ao artesanato, produção de cordas, cordéis, tapetes, etc. O sisal também é usado na indústria automobilística e os pequenos agricultores familiares, em períodos de seca, utilizam essa planta para alimentar os rebanhos bovinos e animais de pequeno porte.

O processo de colheita do sisal acontece após 4 anos que as mudas foram plantadas, quando suas folhas atingem até cerca de cento e quarenta centímetros de comprimento. Após a primeira colheita, anualmente o sisal pode ser novamente trabalhado. A principal forma de extração da fibra é através de uma máquina conhecida como motor de sisal ou maquina paraibana. Conhecidos como sevadores<sup>1</sup>, inúmeros sujeitos da região são mutilados nos afazeres com a paraibana, mas, mesmo com os riscos, muitos ainda trabalham com a extração da fibra do sisal por não terem outras fontes de renda.

Ao tratar da cultura popular no Território do Sisal, é importante destacar que as principais manifestações da região são: samba de roda, festas de vaqueiros, festas de padroeiros/as da igreja católica, confecções de artesanatos e culinária regional. São nas feiras de agricultura familiar, festas tradicionais nas comunidades rurais e feiras livres dos municípios que estas manifestações se cruzam.

A mais importante feira da região é a Feira da Agricultura Familiar, Economia Solidária e Reforma Agrária do Território do Sisal – FEIRAFES. Esta acontecia anualmente em meados do mês de Maio no município de Valente-BA, é a FEIRAFES que reúne as principais apresentações culturais da região. É organizada pela Fundação de Apoio a Agricultura Familiar do Semiárido da Bahia – FATRES, entidade sem fins lucrativos, e conta com o apoio dos movimentos sociais, da sociedade civil e do Governo do Estado da Bahia. É importante destacar que nos anos de 2020 e 2021 a FEIRAFES não aconteceu em decorrência da pandemia do COVID-19.

O Território do Sisal é conhecido também pela sua cultura, dentre as inúmeras manifestações populares os Griôs Sisaleiros se destacam como mestres da tradição oral. Os mesmos praticam afazeres e possuem saberes que são passados de pais para filhos, contam causos e histórias que marcaram os assentamentos de reforma agrária, sambam, cantam e dançam nas suas aparições culturais. As suas produções (cantigas, sambas) possuem suas letras marcadas pelas vivências e experiências que carregam

---

<sup>1</sup> Pessoas que manuseiam as maquinas paraibanas de extração da fibra do sisal.

suas lutas e resistências em uma região que foi, por muito tempo, dominada pelo coronelismo e pela exclusão social das famílias rurais de baixa renda.

Destaca-se que este artigo faz uma abordagem qualitativa e foi resultado de uma pesquisa de campo realizada nos assentamentos de reforma agrária do Território do Sisal com o objetivo de analisar as lutas e resistências da população assentada partindo de um olhar sobre a cultura popular. Os dados foram levantados a partir de observações participantes e para isso utilizou-se diário de bordo, registros fotográficos e entrevistas semiestruturadas.

Assim, este artigo faz uma abordagem sobre o conceito de mestres da tradição oral, griôs e cultura popular. Segue apresentando os Griôs Sisaleiros, as principais manifestações culturais desenvolvidas pelo grupo através da tradição oral e reflete sobre cultura popular enquanto espaço da educação popular, sobrevivência, lutas, resistências contra as diversas formas de opressões enfrentadas pelas famílias rurais assentadas no Território do Sisal-BA. Por fim, apresenta-se as considerações finais do estudo.

## **Griôs, Tradição Oral e Cultura Popular**

A tradição oral pode ser contextualizada como uma prática de transmissão de saberes através da oralidade, pelo povo, de geração em geração. Estes saberes são os usos, costumes, contos populares, lendas, dentre outras manifestações culturais que as pessoas guardam na memória. A tradição oral foi reconhecida como forma de transmissão de conhecimentos em comunidades africanas. No Brasil, o extinto Ministério da Cultura – MinC, desenvolveu políticas públicas culturais que visam fortalecer a tradição oral no país através do programa Ação Griô Nacional.

BÂ (1980) afirma que a tradição oral pode ser vista como uma grande escola para a maioria dos povos, o autor parte principalmente de suas experiências em contextos africanos. As manifestações culturais da África não são isoladas, aprende-se observando a natureza, ouvindo e contando histórias junto aos mais velhos. Segundo BÂ (1980), o contador de história na tradição africana é um mestre, um iniciador da criança, do jovem e até do adulto.

A transmissão do conhecimento através da oralidade na África é uma escola para vida por meio dos saberes populares. As histórias míticas são contadas e recontadas e funcionam como guia que direcionam os sujeitos para conviver em sociedade, além disso, também são transmitidas experiências sobre plantações, músicas, danças, culinária e estratégias de sobrevivências. Ou seja, os conhecimentos desenvolvidos e

aprendidos nessas culturas favorecem a convivência e as práticas cotidianas da comunidade, permitindo a harmonia dentro dos grupos tradicionais.

A memória da sociedade africana se apoia na transmissão continuada de histórias, contendo informações, princípios e valores que conservam costumes, tradições e manifestações culturais. Na cultura africana, tudo se torna história e conhecimento. Portanto, foi à tradição oral que contribuiu para o surgimento da palavra “griô”.

Os griôs africanos são responsáveis pela preservação dos conhecimentos de seus ancestrais e pela transmissão desses saberes através da tradição oral. São também conhecidos como “dieli” que significa mestres do saber, possuem um imenso repertório de histórias, provérbios, dizeres, ditados populares e experiências de vida. Na época dos impérios africanos, eles eram músicos da família real, viajantes, cantores e oradores de discursos, conselheiros e confidentes da realeza. BÂ afirma que,

[...] na tradição oral dos grupos étnicos Barbáries e Fulas na região do Mali, de onde originam os griots, eles têm diversos nomes e funções sociais, como por exemplo, em Bambara: Dielis, que significa sangue, uma analogia com o que circula no organismo vivo. Eles são genealogistas, contadores de histórias, músicos/poetas populares, importantes agentes da cultura. Chegam a assumir a função de noticiadores, mediadores e diplomatas. Às vezes são contratados pelos nobres para pesquisar e contar a história e genealogia de sua família, seus heróis e glórias. Os Griots podem enfeitar ou alegrar os eventos de uma comunidade como os palhaços. Na tradição oral, a palavra tem um poder e um significado divino, tem um compromisso com a verdade e com os ancestrais. Ter o poder de brincar e enfeitar as palavras é algo legitimado apenas por alguns tipos de griots (PACHECO, 2006, apud. BÂ, 1980).

Após o reconhecimento dos griôs no Brasil como mestres a ideia de diversidade cultural foi fortalecida e as manifestações populares passaram a ser reconhecidas como cultura. Esses fatos contribuíram para desconstruir o conceito elitizado de que apenas as tradições hegemônicas devem ser valorizadas e incentivaram a implantação de políticas culturais como o programa Cultura Viva e a Ação Griô Nacional no país a partir de 2004.

Percebe-se que as políticas nacionais para o fortalecimento da cultura griô e da tradição oral no país foram influenciadas pelas experiências grióticas desenvolvidas por comunidades africanas. As políticas públicas culturais se fortaleceram no território brasileiro entre 2004 a 2016 e contribuiu para o reconhecimento de mestres do saber oral e para a valorização das manifestações populares das classes marginalizadas no país, principalmente em contextos rurais.

Se analisarmos os incentivos para a cultura de 2016 até 2022 no país é possível observar que houve um grande retrocesso. Em 2019, através da Lei 13.844, o Ministério da Cultura - MinC foi extinto e sua estrutura foi transferida para o Ministério da Cidadania, assim, o MinC foi transformado em Secretaria Especial de Cultura. Diante disso, todas as políticas foram suspensas, mas, é importante destacar que os movimentos e as manifestações culturais dos Griôs Sisaleiros têm resistido ao desmonte das ações governamentais dos últimos anos no Brasil.

Hall (2003) ressalta que o termo popular se refere a atividades cujas raízes se situam nas condições sociais e materiais de classes específicas, que estiveram incorporadas nas tradições e práticas do cotidiano. Já a cultura popular na contemporaneidade é analisada como lugar de resistência, marcado por embates contra a cultura dominante.

Dando continuidade a este pensamento podemos destacar que Abib (2015) nos apresenta novas possibilidades e abordagens para analisarmos a cultura popular atualmente, pois está explícito o processo de hibridização entre as diversidades culturais que fortalecem a resistência das manifestações populares na contemporaneidade.

Dessa forma, os processos de hibridização cultural não podem ser desconsiderados nesse contexto, pois estruturas ou práticas culturais discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas, afastando de vez a possibilidade de analisar a cultura enquanto algo puro e homogêneo (ABIB, 2015, p. 108).

Toda manifestação cultural carrega sua dimensão política, desse modo, não podemos negar que a cultura, é cercada por negociações, conflitos e poder, principalmente nos dias de hoje quando temos um forte movimento elitizado engajado para deslegitimar o popular como um conhecimento sagrado e que faz parte da identidade de determinados povos. Abib (2015, p. 110) ainda reforça a cultura como um terreno de lutas com memórias, tradições e identidades de grupos sociais. A mesma é carregada de elementos que demarcam posições e reivindicam reconhecimento e autonomia, em razão das inúmeras disputas, em vários campos, diante da cultura hegemônica.

Assim, surgem os Griôs Sisaleiros no Território do Sisal- BA, homens e mulheres assentados que se uniram para enfrentarem a opressão na reivindicação de terras quando estes também labutavam pela sobrevivência no semiárido da Bahia. Os mesmos

recorrem à cultura popular para manterem seus costumes vivos em uma região com a predominância de concentração fundiária, onde a eles era negado além do direito à terra o direito de sambar, cantar e dançar através de aparições culturais públicas.

## Lutas e resistências através da cultura popular: uma análise sobre os Griôs Sislaeiros<sup>2</sup>

A partir das políticas culturais desenvolvidas pelo MinC, surgiu o programa Ação Griô Nacional. Este programa trata-se de uma atuação integrada com a criação dos pontos de cultura em 2004 através de incentivos culturais. O objetivo da Ação Griô era desenvolver uma política nacional cultural de educação, valorizando a tradição oral por meio do reconhecimento da cultura popular e fortalecendo a identidade e a ancestralidade tendo como base a transmissão de conhecimentos.

Foi através do Programa Ação Griô Nacional que, em 2004, os Griôs Sisaleiros foram reconhecidos no Território do Sisal. Os membros do grupo são sujeitos que historicamente foram excluídos e oprimidos dentro da sociedade. Desde os primeiros movimentos na luta pela posse da terra, a população assentada do Território do Sisal sofreu com a desigualdade social. A maioria dos indivíduos que fazem parte do grupo são pessoas que não tiveram oportunidade de frequentar a escola, receberam o título de mestres pelo MinC em reconhecimento ao saber popular que adquiriram ao longo da vida.

Quadro 1 – Griôs Sisaleiros (continua)

<b>Perfil</b>	<b>Nome Completo</b>	<b>Nome Conhecido na Comunidade</b>	<b>Saberes e Tradição Griô</b>
Griô Aprendiz	José Roque Saturnino Lima	Roquinho Lima	Contação de histórias e causos, literatura de cordel, poesia, música de raiz e artes plásticas
Griô de Tradição Oral	Martiniano Soares de Oliveira	Seu Totó	Contação de causos e histórias da região, costumes e hábitos de vida do sertanejo, músicas e cantorias.

<sup>2</sup> Os principais teóricos que abordam as questões griôs atualmente são: Pedro Rodolpho Jugers Abib, professor da UFBA/BA; Amadou Hampatê Bâ, filósofo africano e Lilian Pacheco griô residente na Chamada Diamantina-BA.



Quadro 1 – Griôs Sisaleiros (conclusão)

Griô de Tradição Oral	Pedro Ivo Cerqueira	Pedro Ivo do Rose	Contações de causos e histórias da região, costumes e hábitos de vida do sertanejo, músicas e cantorias.
Griô de Tradição Oral	Maria José Dantas das Mercês	Maria Báia	Culinária regional, benzedeira, cantorias e artesanato em sisal e pindoba.
Griô de Tradição Oral	Valdete Martins dos Santos	Valdete do Mucambinho	Literatura, cantorias e músicas locais, artesanato e agricultura orgânica.
Griô de Tradição Oral	Manoel Canuto Santiago	Mané Canuto	Música e cantorias de raiz, ensino de instrumentos.

Fonte: Imaq (2018).

São seis Griôs Sisaleiros: Totó, Pedro Ivo do Rose, Mané Canuto, Maria Báia, Valdete do Mucambinho e Roquinho Lima, estes mestres promovem a revivificação e o fortalecimento da tradição oral que é repassada de pai para filho durante décadas nos assentamentos da região sisaleira. Os griôs selecionados pelo MinC como mestres da oralidade já atuavam voluntariamente no desenvolvimento das atividades intracomunitárias. Porém, esse reconhecimento estimulou a participação e o envolvimento de vários outros mestres da cultura popular que visualizam a possibilidade da ampliação de vários afazeres regionais, expressando suas alegrias e tristezas através da tradição oral e da cultura popular.

Barbero (2008) afirma que há um deslocamento no conceito de cultura, com isso surge novas estruturas das relações culturais com o povo e do povo com as classes sociais. Este processo está também impactando em novas manifestações culturais que surgem com o intercruzamento das diferentes culturas, isso acontece quando diversas pessoas se unem em prol do mesmo objetivo. Isso fica nítido no coletivo de pessoas que buscam o acesso a terra, exemplo dos Griôs Sisaleiros. Ao abordar do Assentamento de

Lagoa dos Bois, comunidade que os Griôs Sisaleiros residem Pereira (2019, p. 58) destaca:

Nesta perspectiva, os moradores do Rose, a partir do processo de ocupação da Fazenda Lagoa do Boi, vindos de lugares diferentes, comunidades e modos diversos, ao se juntarem, passaram a vivenciar aspectos culturais distintos, vindos de cada sujeito e da cultura de cada sujeito dos seus respectivos grupos sociais e, a partir daí, passaram por uma transformação que ocorre a partir das trocas culturais comuns a todos da comunidade.

Refletindo sobre as considerações de Pereira (2019) ao abordar a formação dos aspectos culturais dos Griôs Sisaleiros, podemos também retomar as teorias de Bosi (2006) quando o mesmo apresenta a cultura como todas as formas de manifestações praticadas pelas classes marginalizadas e que não se enquadra dentro das produções da cultura de massa. Assim, as manifestações populares podem ser caracterizadas como as vozes das resistências de grupos que estão fora do conceito hegemônico de cultura. Bosi (2006, p. 324), ainda tratando do conceito de cultura, afirma que esta:

[...] implica modos de viver: o alimento, o vestuário, a relação homem-mulher, a habitação, os hábitos de limpeza, as práticas de cura, as relações de parentesco, a divisão das tarefas durante a jornada e, simultaneamente, as crenças, os cantos, as danças, os jogos, a caça, a pesca, o fumo, a bebida, os provérbios, os modos de cumprimentar, as palavras tabus, os eufemismos, a galinha e porco, os modos de plantar feijão, milho e mandioca, o conhecimento do tempo, o modo de rir e de chorar, de agredir e de consolar modo de olhar, o modo de sentir, o modo de andar, o modo de visitar e ser visitado, as romarias, as promessas, as festas de padroeiro, o modo de criar.

Em meio às manifestações sociais dos Griôs Sisaleiros ainda se desenvolveu o fortalecimento da cidadania para a população assentada no Território do Sisal-BA. Esse fato ocorreu principalmente pela liberdade de expressão através da cultura popular, da valorização da população rural, de suas manifestações. É notável o reconhecimento dos movimentos sociais dos mestres da tradição oral, principalmente da diminuição da exclusão social das famílias assentadas na região do sisal que ganharam mais visibilidade através de suas manifestações culturais.

Os mestres Griôs Sisaleiros se reúnem semanalmente para festejar e contar causos em suas comunidades sempre em volta de uma fogueira, levam alegria para uma população que sempre esteve à margem da sociedade. Os mestres se apresentam em

feiras regionais da agricultura familiar, são convidados para outras comunidades e também para festejarem nas feiras livres dos municípios.

Outra importante ação destes líderes da tradição oral é a presença dos mesmos no espaço escolar do Assentamento de Reforma Agrária de Lagoa dos Bois em Santaluz-BA. Os mestres contam histórias, sambam e dançam levando a cultura popular e a tradição oral para a sala de aula, ensinam os mais jovens preservando a mediação de saberes de geração para geração através da pedagogia griô.

É importante ressaltar que além dos griôs reconhecidos pelo MinC, foi observado que existem muitos/as mestres/as dos saberes populares residentes nos assentamentos do Território do Sisal. Estes desenvolvem constantemente ações que fortalecem a cultura popular e contribuem para a preservação dos costumes e tradições orais que ancestralmente são repassadas para filhos e netos em suas comunidades.

Esse é o nosso novenário  
Da nossa comunidade  
Quem vem fica animado  
Rezando, o rosário  
O nosso novenário  
Acontece todo ano  
É o povo todo louvando  
(Griôs Sisaleiros)

Nas cantigas estão presentes as vivências dos mestres/as que marcaram as peijas na luta pela sobrevivência no semiárido da Bahia. A cantiga acima, uma produção dos Griôs Sisaleiros e refere-se à festa da padroeira Senhora Santana que acontece anualmente no Assentamento de Lagoa dos Bois. Na festa da padroeira as cantigas e rezas são cantadas pelo grupo de griôs e o refrão respondido pela comunidade.

O grupo canta: “Esse é o nosso novenário, da nossa comunidade, quem vem fica animado, rezando, o rosário”. As pessoas respondem no mesmo ritmo da cantiga: “O nosso novenário, acontece todo ano, é o povo todo louvando”. Assim, é possível ver uma sintonia entre toda população e os Griôs Sisaleiros que são respeitados pelos mais novos.

Outra importante manifestação cultural dos mestres Griôs Sisaleiros é a culinária alternativa e regional, a mesma refere-se a alimentos produzidos através de receitas criadas com plantas nativas da região. Dentre elas encontramos os cactos e a vegetação caatinga, predominante no semiárido da Bahia. “Cabeça de Frade Faz Doce: As cantigas

e a culinária de Dona Maria Baia” é um livro lançado por Dona Maria Baia em 2017, griô da tradição oral, residente no Assentamento de Lagoa dos Bois.

O livro contém 66 receitas. Segundo Dona Baia, um dos motivos da mesma ter se dedicado a culinária alternativa foi à fome que atingiu o assentamento durante os longos períodos de seca e a ausência de trabalho no semiárido da Bahia. Na voz de Dona Baia: “Para não morrermos de fome o jeito foi cozinhar palma, mandacaru e cabeça de frade”.

#### **Ensopado de Mandacaru<sup>3</sup> com Coco**

1 kg de Mandacaru Limpo  
1 Tomate picado  
1 Cebola Picada  
1 Coco  
1 Pimentão  
1 Maço de coentros picado  
2 Dentes de alho amassado  
3 Colheres de tempero pronto

Modo de preparar: Corte o mandacaru em cubos, coloque em uma panela com água e sal, deixe ferver por 5 minutos. Escorra toda a água e refogue no óleo todos os temperos, acrescente o mandacaru e coco ralado e deixe cozinhar por 10 minutos.

Assim, Dantas (2010), mestre griô, reforça que a culinária alternativa utiliza em suas receitas plantas da caatinga e do sertão que, inclusive, são consideradas por muitas pessoas como nocivas e venenosas. Mas, diante da necessidade de resistir à seca e garantir a sobrevivência do núcleo familiar, muitas desses cactos são transformadas em alimentos nutritivos e de subsistência nos assentamentos de reforma agrária no Território do Sisal na Bahia.

É possível concluir que as manifestações culturais também são expressões da educação popular e em meio ao crescimento da cultura de massa (re)criaram-se novas estratégias de resistências. A educação popular tornou-se uma importante ferramenta de lutas na contemporaneidade. As manifestações culturais dos Griôs Sisaleiros permitem que a população assentada no Território do Sisal descubra novas formas de se expressarem e sobreviverem em meio à desigualdade social que está inserida, sem perder a essência das tradições ancestrais de seu povo.

---

<sup>3</sup> Cacto nativo do sertão, a planta chega a atingir cinco metros de altura, apresenta espinhos e é utilizado para alimentar animais. Uma característica marcante do cacto é sua alta resistência durante o longo período de seca que atinge a região.

## Considerações finais

Destaca-se nas ações dos griôs na região do Sisal um processo que Canclini (2008) denominou de desterritorialização da cultura que ocorreu através da hibridação cultural. Isso foi constituído por meio da união de inúmeros homens e mulheres nos acampamentos de reforma agrária desde a década 80. Pois, as manifestações culturais que antes eram restritas a grupos separados, se fortaleceram e atualmente são reconhecidas e valorizadas pela população que reinventam novas formas de se fazer cultura e de sobreviver dignamente no semiárido da Bahia.

Quando falamos da presença de lutas através da cultura popular desenvolvida pelos Griôs Sisaleiros isso remete para pensarmos na ocupação de espaços que foram negados por anos para essa população, exemplo das feiras da região que sempre tiveram a presença marcante da elite rural. Observa-se que através das apresentações do samba e das cantigas os griôs adentram estes ambientes e vem lutando pela sua visibilidade e reconhecimento enquanto sujeitos de direitos.

Ao pensarmos em estratégias de resistências presentes nas manifestações culturais dos mestres griôs podemos concluir que a culinária alternativa e regional é uma importante aliada na sobrevivência dessa população. Isso fica nítido na fala da griô Maria Baia, quando a mesma afirma que “para não ver os filhos morrerem de fome durante a seca foi preciso cozinhar palmas e cactos da região”, assim, surgiram suas receitas.

Portanto, após a experiência vivenciada na observação participante para este estudo concluímos que as manifestações culturais desenvolvidas pelos Griôs Sisaleiros têm contribuindo para o fortalecimento de um modelo de educação que não está presente nos espaços formais de aprendizagem. Contudo, esse procedimento fortalece a cidadania, fomenta a dignidade e o respeito de grupos rurais que sempre foram excluídos pela elite agrária, através do desenvolvimento de suas manifestações culturais.

## Referências

ABIB, P. R. J. **Cultura popular e contemporaneidade**. São Paulo: Unesp, 2015.

BÂ, A. H. **História Geral da África: Metodologia e Pré-História da África**. São Paulo: Ática; 1980.

BARBERO, J. M. **Dos meios as mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. 5. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

BOSI, A. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. 1. ed. Buenos Aires: Paidós, 2008.

DANTAS, M. J. **Cabeça de frade faz doce**: as cantigas e a culinária de Dona Maria Baia. Revisão Helena Souza Silveira. Feira de Santana: IMAQ, 2010.

PACHECO, L. **Pedagogia Griô**: A reinvenção da Roda da Vida. Lençóis: Grãos de Luz e Griô, 2006.

PEREIRA, E. do N. **Narrativas Sisaleiras**: dizeres, saberes orais, fazeres e projetos culturais no Assentamento de Rose, Santaluz-BA. Alagoinhas, 2019.

#### **Referências Eletrônicas:**

**Griôs Sisaleiros**. Disponível em: <http://www.imaq.org.br>. Acesso 06 de março de 2022.

**Projeto de Lei Griô**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/culturaviva/projeto-de-lei-grio-nacional>. Acesso 10 de março de 2022.

**Ponto de Cultura Mesmos** – Disponível em: <https://pontoapontobahia.wordpress.com/santa-luz-mestres-da-oralidade-movimentando-o-sertao> - Acesso em 20 de Março de 2022.

**FATRES** - Disponível em: <http://fatres.org/> - Acesso em 20 de Março de 2022.

Editora CLAE

2023